

UM SÓCRATES DE ERIC WEIL

Emilienne Naert
Centro Eric Weil - Lille - FRANÇA

Eu reconheço a P.-J. Labarrière o mérito de ter bem “localizado” o aparecimento de Sócrates na atitude/categoria da *discussão* da *Logique de la Philosophie*. É verdade que Sócrates não poderia aparecer noutro lugar, porque segundo Weil — e como se tem lembrado — “Sócrates discute e não faz mais do que isto” (LP: 131).

É certo que eu estou de acordo com P.-J. Labarrière quando escreve, referindo-se à *Logique de la Philosophie* (LP: 131-133): “Ora, o bem é o acordo do homem consigo mesmo, na expressão de si que ele deve buscar. Será suficiente dar-se boas e claras definições e não fazê-las entrar nas malhas do discurso que regressa, segundo as leis do método indutivo, de condição em condição, à evidência dos princípios primeiros. Atitude que aqui concerne àquilo que já se poderia chamar de exercício de uma *razão pura*, mas visada aqui tão somente no seu formalismo lógico”. Onde eu teria não uma objeção a formular, mas um reparo a exprimir, é no que se refere a uma certa ocultação da dimensão ética — Weil diria, de preferência, da dimensão moral — da discussão socrática tal como é redescoberta por aquele cuja filosofia discutimos. Para dizê-lo de outra maneira, eu afirmaria que o Sócrates de Weil não é somente o pensador do formalismo metodológico, da coerência formal da discussão, mas é ainda o pensador da discussão aplicada à ordem moral, às noções morais. Nós reencontraríamos aqui o Sócrates do *Ménon* na sua admirável discussão sobre a virtude, o Sócrates dos primeiros diálogos platônicos. Eu apoiaria minha afirmação sobre algumas passagens da *Logique da la Philosophie*:

“Pois de fato a comunidade busca o Bem, o Bem é realizado pela virtude — todos estão de acordo sobre isso — Sócrates, o primeiro, o único, levou à conclusão a discussão sobre a virtude...” (LP: 130).

Eis aqui as três figuras de Sócrates.

“Lógico enquanto inventor das leis que governam a linguagem, cidadão perfeito que quer que a comunidade se realize perfeitamente, homem moral que só se preocupa com o Bem” (LP: 131).

Sócrates diante dos sofistas, a quem espacia a necessidade de discutir a discussão, que não buscam senão a vantagem e não o Bem: “Sócrates só tem uma coisa a oferecer: a discussão em vista do Bem... Eles não compreendem que o único objetivo da discussão é o bem, quer se chame Cidade, Virtude ou Sabedoria” (LP: 132).

Sócrates se decepciona com a leitura de um livro de Anaxágoras. Este “fala de razão e Sócrates busca uma explicação pelo Bem... para o mundo assim como para si mesmo; o velho mundo não existe mais e o homem não conhece mais o seu lugar. O conteúdo da sua certeza se tornou formal: existe um mundo, existe ele mesmo buscando o seu lugar; mas tudo o que ele sabe se reduz ao conhecimento da unidade formal do mundo e da sua própria unidade enquanto ele tenta viver essa unidade” (LP: 134). Daí a finalidade da discussão: é ela “que liberta o homem da sua particularidade, que o leva a si mesmo, à virtude, ao Bem: ele não pode ser ele mesmo sem ser virtuoso” (LP: 135).

E se nós continuamos a folhear a *Logique de la Philosophie* e chegamos à categoria do *objeto*, parece-me que o que Weil escreve sobre Platão justifica-se por aquilo que ele diz de Sócrates. Este era o homem da discussão, aquele o que vem da discussão. “Platão apresenta o médico, o arquiteto, o estrategista como modelos que permitem ver claramente a força do novo método. Porém, por grandes, por louváveis que sejam os esforços destes, por úteis que sejam os resultados por eles obtidos, o homem que vem da discussão e sabe que somente uma busca, a do Bem, vale um sacrifício absoluto, se pode e deve estudar o trabalho daqueles homens, não pode apelar para eles nem segui-los” (LP: 143).

E contudo Sócrates não aparece senão raramente na *Philosophie morale* — seis ou sete vezes — se bem que eu me perguntei se o Sócrates desta belíssima obra não seria o próprio Weil, Weil que aplica à moral a discussão tal qual foi praticada por Sócrates quando se trata, na segunda e na terceira partes do texto, de voltar à análise dos conceitos morais. O que é preciso fazer para ensinar a filosofia moral? Fazer como Sócrates, exatamente aquilo que fazia Sócrates, mas um Sócrates a quem Weil empresta sua pena!

Num importante artigo: "Será preciso falar de novo em moral?" (PR: 255-278) (será preciso novamente *discutir* a moral?), Weil lamenta o recuo da discussão moral e a respeito da moral: "O declínio desta discussão dirigida ao mesmo tempo aos princípios e às suas aplicações, constitui um mau sinal: nós nos arriscamos a sucumbir no absurdo dos fatos incompreensíveis quanto ao seu sentido; no melhor dos casos, nós nos tornaríamos animais bem-nutridos, bem-abrigados, satisfeitos com as diversões que nos seriam oferecidas. A isto pode-se responder: por que não? E com efeito, seria suficiente não mais querer compreender" (p. 227-278).

Parece-me que seria ainda desejável confrontar discussão e diálogo e, ademais, parece-me ótimo que após o Sócrates de Kierkegaard, de Nietzsche e de muitos outros, mais ou menos distantes de nós, haja um Sócrates de Eric Weil.

(Tradução de Paulo César Barros)

SÍNTESE NOVA FASE
46 (1989): 95-97

Endereço da autora:
Residence du Parc d'Isly
13 bis, rue Delezienne
59000 — Lille — FRANÇA